

A NARRATIVA ORAL DAS MULHERES SOBRE A FARINHA NA COMUNIDADE SÃO BONIFÁCIO DO RIO MARAU-AM.

Adeil dos Santos Batista¹

Dilce Pio Nascimento²

RESUMO: Apesar do conhecimento prático na produção da farinha, não temos documentos ou receitas quanto ao preparo, ou até mesmo registros que possam fundamentar o surgimento deste alimento. Mediante a essa constatação, busca-se abordar sobre a produção da farinha da mandioca, e compreender o papel das mulheres na produção da farinha na Comunidade São Bonifácio Rio Miriti/Marau. Pois na atualidade, há dúvidas ainda de quem a produz, ou seja, se essa produção é da responsabilidade do homem ou da mulher indígena bem como saber todo o processo da farinha até tornar-se alimento saudável consumido nas refeições. No intuito de contextualizar melhor esta temática, utilizamos alguns apontamentos teóricos acerca do termo produção da farinha na visão de autores estudiosos dessa área do conhecimento, como: Amaral & Vieira (2009), Torres (2014), Kauss & Peruzzo (2012), Silva (2015). Seguidos de delimitações metodológicas com a abordagem qualitativa etnográfica participante, com resultados obtidos através de entrevistas com a aplicação de questionários. Os resultados revelaram a importância da mulher na produção da farinha, levando em consideração os costumes e a tradição herdada por um determinado povo.

Palavras-Chaves: Mulher; Farinha; Tradição; Cultura indígena.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa abordar a narrativa oral sobre a farinha. A escolha deste tema foi em razão de obtermos poucas informações a nível regional, por se tratar de um alimento que faz do sustento dos moradores do município de Maués-AM.

A produção da farinha é uma prática que há necessidade de maior aprofundamento teórico que possam fornecer conhecimento aos consumidores, bem como para os próprios produtores.

Tendo conhecimento de que a farinha é um alimento básico dos moradores, especificamente, da Comunidade São Bonifácio, Rio Marau, onde a produção é um processo bem complexo, cuja responsabilidade é das mulheres, cabendo a cada família o cultivo da mandioca todos os anos.

A farinha é um alimento que não pode faltar na refeição do povo indígena Sateré-Mawé, do Rio Marau-AM. Tornando-se prioridade para os familiares das aldeias, servindo não só como ingrediente importante das refeições, mas como recurso econômico. A falta de

¹ Acadêmico de Letras do Núcleo de Ensino Superior de Maués – NESMAU/UEA)

² Professora, MSc. Orientadora do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA)

cultivo da mandioca representa maior possibilidade de fome devido ao fato de ser considerado um alimento essencial. Para os moradores, a farinha é um tempero do alimento, que dá gosto à comida. Por isso, o cultivo da matéria prima (mandioca) e a produção da farinha, passam a serem atividades necessárias tanto para o consumo, quanto economicamente. Uma atividade que passa de geração para geração, desde a preparação do solo para o cultivo à produção e venda do produto.

A farinha é um produto, mas consumido e valorizado, depois do guaraná, podendo ser encontrada o ano todo. O consumo da farinha está estreitamente ligado ao costume dos ribeirinhos (caboclo) e dos povos indígenas, mas por se tornar um produto que gera economia na região passou a ser inserido no cardápio dos moradores da área urbana do município de Maués, e sendo aderida por toda região amazônica.

Apesar do conhecimento prático na produção da farinha, não temos documentos ou receitas quanto ao preparo, ou até mesmo registros que possam fundamentar o surgimento deste alimento.

Mediante a essa constatação, busca-se abordar sobre a produção da farinha da mandioca, em sua delimitação, e compreender o papel das mulheres na produção da farinha na Comunidade São Bonifácio Rio Miriti/Marau. Pois na atualidade, há dúvidas ainda de quem a produz, ou seja, se essa produção é da responsabilidade do homem ou da mulher indígena bem como saber todo o processo da farinha até tornar-se alimento saudável consumido nas refeições.

No intuito de contextualizar melhor esta temática, este artigo descreve, inicialmente, alguns apontamentos teóricos acerca do termo produção da farinha na visão de autores estudiosos dessa área do conhecimento, seguidos de delimitações metodológicas do estudo com resultados obtidos e discussões. Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

As múltiplas faces da mulher na relação de trabalho

A sociedade brasileira tem passado pelas imensas transformações demográficas, socioeconômicas e culturais, que repercutem em todas as esferas familiares da atualidade nos últimos anos. A mulher, por sua vez, vem assumindo vários papéis na sociedade sejam no lar ou no trabalho.

A multiplicidade de trabalhos ou funções é o efeito provocado pelo aumento de número das mulheres no país, como registra o Censo Demográfico de 2000 que, para cada 100 mulheres, no Brasil 96,93 homens. Isso interfere na organização doméstica. Com essa

superioridade, a mulher passou a ter mais oportunidade no mercado de trabalho, porém, ainda é considerada inferior a homens pela sua forma física causando desvalorização salarial.

A entrada da mulher no mercado de trabalho trouxe mais amadurecimentos da mesma em diversas áreas como cidadã no meio social, também houve mudanças na estrutura familiar em relação à responsabilidade doméstica, “O incremento da participação feminina no mercado trouxe para o mundo produtivo um número significativo de mulheres maduras, casadas e com filhos, a partir da década de 1980, gerando outro grande desafio em relação ao trabalho feminino: a reformulação da organização familiar” (AMARAL & VIEIRA, 2009).

Essa relação da mulher com o trabalho sofre algumas modificações de acordo com o contexto social, tem mais relação com a cultura de cada grupo, do espaço geográfico. No mundo contemporâneo, o trabalho da mulher é mais complexo e isso exige dela mais força de vontade, agora, além de possuir trabalho doméstico tem outros trabalhos profissionais. A mulher, em geral, tem a múltipla função de trabalho na sociedade, porém na cultura indígena a mulher possui a função específica de trabalho, embora não seja pouco, mas é vista como uma contribuinte essencial à tribo, logo, não é uma exigência e sim um favor para o bem de todos da comunidade ou da família.

A cultura indígena

Historicamente, os indígenas viviam em comunidades em que não havia demarcações territoriais nem vendia seus produtos uns aos outros, eles tinham a noção da necessidade de cada membro. Por isso, eles eram organizados em todos os sentidos da vida, convivência coletiva. Todos tinham os hábitos, costumes, havia danças rituais sagradas que passavam de geração em geração, era uma cultura pura herdada pelos indígenas. “A racionalidade indígena assenta-se no substrato de seus mitos e ritos passados de geração em geração.” (TORRES, 2014).

Mas, podemos ver na história que, as culturas indígenas consideradas originais sofreram impactos com a chegada dos europeus no Brasil, muitas delas foram extintas e poucas que restaram, havia sangue dos europeus, ou seja, a cultura desconhecida havia entrado no meio dessas culturas originais. “A história nos mostra que o conhecimento e os ensinamentos indígenas, como a dança, o canto, a evocação dos espíritos, as histórias e o poder curativo das ervas eram repassados de geração a geração e, mesmo com o passar do tempo, o conhecimento e os ensinamentos não se perdiam nem se esvaziavam, perpetuavam-se vivos em cada indígena da tribo.” (KAUSS & PERUZZO, 2012).

Após contato com os portugueses os indígenas começavam a perder sua essência como ser humano, do humano ao animal, eram vistos como selvagens e, liderados pela Igreja Católica e mais, com apoio da Coroa os jesuítas começavam a catequisar os nativos. A cultura indígena não era mais a mesma, os rituais indígenas sofreram repreensão por serem considerados demoníacos, de evocação dos espíritos, principalmente. E toda linhagem ancestral, era responsável em dá continuidade à vida dos nativos, eram respeitada toda liderança de tal modo que, somente as lideranças, caciques, possuíam os segredos, a história dos indígenas e, repassavam às próximas gerações para que continuasse vida toda história indígena nos próximos anos. “Todo o edifício conceptual, político-social, ético e moral dos povos indígenas está ancorado na oralidade das histórias passadas de geração em geração” (TORRES, 2014). Mas, nem toda história é passada às próximas gerações, pois muitos que tinham toda história sagrada dos indígenas foram mortos nas guerras entre brancos e índios, com isso, mulheres ficavam viúvas e crianças órfãs.

Os indígenas Sateré-Mawé registravam os acontecimentos em um objeto sagrado, chamado Puratin, somente os ancestrais haviam a autorização para ter acesso, tocá-lo. Pode afirmar que, esse objeto é uma espécie de bússola na vida da tribo, na qual haviam sido registrados as informações e acontecimentos importantes. Segundo Torres, sobre o puratin que:

O Puratin, símbolo sagrado dos Sateré-Mawé assume o aspecto físico de um remo cuja simbologia remete para o caminhar da vida sempre para frente, rumo a terra sem males, onde os membros da etnia Sateré-Mawé encontrarão conforto e fartura em suas vidas. Para chegar a terra sem males é necessário que todos contribuam fazendo a sua parte, tanto no trabalho do guaraná e da roça, quanto o de ser bom caçador e pescador, a partir de uma sociabilidade coletivizada. (TORRES, 2014, p.19-20)

Segundo a mitologia dos Sateré-Mawé, essa tribo teve sua origem através da mulher, a qual teve filho morto por seus próprios irmãos, como destacou Torres (2014). Os grupos indígenas, como os Sateré-Mawé e entre outras tribos, perderam a sua cultura original, herdada dos ancestrais. Mas, nem todos os legados deixados para as novas gerações foram perdidos completamente. A organização social dos povos indígenas, da etnia Sateré-Mawé, ainda continua, porém com certas modificações pela influência da cultura dos brancos.

E não podemos esquecer que, a cultura indígena também está presente na vida do brasileiro, ou seja, os legados deixados pelos indígenas estão presentes no nosso cotidiano. “A herança das culturas indígenas em nossa cultura estão presentes no nosso dia a dia, os hábitos, costumes, crenças, vocabulário, técnicas, alimentação etc...” (SILVA, 2015). Ainda segundo

Silva (2015), “preservar a história indígena é manter viva parte da nossa história, a história do povo brasileiro”.

A distribuição dos papéis na cultura indígena

Os indígenas, em geral, adotaram um sistema muito favorável ao grupo. Por isso, eles tinham uma organização bem sucedida, a de distribuir as tarefas para cada um dos membros do grupo. Existia um líder da aldeia, o cacique “pajé” ou tuxaua, responsável pelo funcionamento de aldeia, todas as atividades passam pela avaliação dele. E de acordo com a necessidade, tanto homens quanto mulheres, participam das atividades nas aldeias, até as crianças com certas idades são ensinadas a fazer os mesmos trabalhos. Para os indígenas, a distribuição de tarefas significa honra à tribo, para que todos estejam bem com o trabalho de cada um. “A atribuição de tarefas específicas não significava inferioridade ou distinção de poder, eram, simplesmente, tarefas que precisavam ser feitas para o bem de todos.” (KAUSS & PERUZZO, 2012).

A etnia Sateré-Mawé, é uma das tribos que ainda possuem as heranças culturais e mantém essa organização social nas aldeias, mas podemos ver as mudanças na liderança, como explica Torres (2014):

A organização social na comunidade é hierárquica e está centrada na figura do tuxaua, considerado chefe maior da comunidade. No entanto, apesar de a estrutura social Sateré-Mawé assumir a forma hierarquizada no papel de um grande líder, esta pesquisa constata a presença de outros atores com importantes funções de liderança na comunidade. Esses outros são: o capitão, o capataz, os agentes de polícia indígena, os articuladores indígenas, os professores e os agentes de saúde que atuam no desenvolvimento de ações significativas na comunidade e têm relativizado o papel da figura do grande líder. (p.88)

O papel da mulher na cultura indígena

Quanto à distribuição das tarefas, as mulheres são responsáveis por cuidar tarefas domésticas, o homem prepara e a mulher executa. Elas têm um papel fundamental para o desenvolvimento da cultura indígena, ou seja, possuem uma tarefa exclusiva dentro da comunidade. Nesse sentido, o papel das mulheres inclui o de fazer comida, cuidar da casa, principalmente, fazer o complemento indispensável nas refeições, a farinha de mandioca.

Dessa forma, as distribuições das tarefas ficam por: os homens caçam, pescam, constroem casas, enquanto as mulheres preparam a comida. O papel do homem é buscar o sustento da família, enquanto a mulher executa.

Quanto à produção de farinha de mandioca fica dividida entre homens e mulheres: para a limpeza, derrubada e queimadas ficam à disposição dos homens. Mas para cultivar, homens e mulheres se reúnem, porém, o homem prepara a cova, a mulher executa produção. Quanto à refeição, fica para as mulheres. A participação dos homens termina no cultivo de mandioca, a partir daí, o processo da farinha vai de arrancar tubérculo até a feitura no forno é papel exclusivo das mulheres.

A tradição oral sobre a origem da mandioca

A história da mandioca é uma das mais complexas e belas narrativas na cultura Sateré-Mawé. As narrativas encontradas em livros didáticos nos mostram através de relatos que, provavelmente, foram transcritos para servirem de dados, no parágrafo a seguir, o texto “Mani”, foi retirado do livro “SEHAY KAAT HARIA”, O CAÇADOR DE HISTÓRIAS NARRATIVAS DOS SATERÉ-MAWÉ DO MARAU (2019), entregue aos professores indígenas para o ano letivo do ano de dois mil e dezenove, é dividido em dois capítulos.

No capítulo 2, temos a seguinte passagem:

Convidou a filha e foram embora. No caminho adoeceram. Tiveram febre, vômitos. Ao chegarem em casa, Kapó-kapó já não as aceitou mais. Estavam com febre, mas ele disse que bem avisara, agora não podia fazer nada. A única coisa que mandava era que voltassem dali, pois não aceitava mais a mulher. Mani voltou para a casa dos tios, que acabaram de matar as duas, a mãe e filha. Puseram a filha entre as coxas da própria mãe, como se estivesse nascendo, como se fosse um ato de plantio. Fizeram um enterro conjunto das duas. Elas transformaram-se em mandioca. (p.13-14)

As histórias narradas pelos povos indígenas, referem-se sempre a elementos da natureza (animais, rio, pássaros), seus personagens recebem a divindade dos deuses. No parágrafo acima mencionado, é possível observarmos como surgiu a mandioca, diferente da cultura natural, dado pelo processo de plantio, comumente conhecido.

O surgimento da mandioca brota da morte de uma mulher, que ao ser sepultada, juntamente com a filha, que foi colocada entre as coxas da mãe, daí então, supostamente, a explicação para o formato da mandioca, por ser uma raiz com espessuras e formas em várias divisões.

Em outro discurso, seguindo a história, descreve-se a utilização que a mandioca teve, o seu aproveitamento e como surgiu a farinha:

Quando a mandioca ficou adulta, a maniva pronta, os tios se reuniram, procuraram uma forma de comer a mandioca. Que parte iam comer? Convidaram o Veado e

muitos outros bichos. O Veado foi comendo a folha da mandioca. Para os tios, não servia. Queriam outra forma. Chamaram outro bicho, o Jaburu. - Como podemos aproveitar a mandioca, em que momento, que festa fazer?
O Jaburu começou a dançar. Deu os primeiros passos do ritual da tucandeira. Foi o autor do ritual da tucandeira.
É assim que temos de aproveitar a mandioca! - ensinou.
Fizeram o tarubá da mandioca. Depois que o prepararam, ele virou *mahy* – cachaça -, começaram a festejar, dançar, a se animar. (p.14)

Nota-se que, as narrativas dos povos indígenas destacam que a farinha surgiu de uma necessidade para o aproveitamento de uma planta, a qual produzia uma espécie de raiz, que na concepção dos índios era comestível, e podia servir de alimento. Foi então, preparada uma bebida conhecida como “Mahy”, forte e de efeitos alucinógenos, comparando a uma cachaça, que foi sendo consumido pelos nativos, até terem encontrado um preparo de consumo com a massa da mandioca.

O complexo da mandioca

A farinha é um dos alimentos mais consumidos pelos povos da Amazônia, até mesmo nas áreas urbanas, a farinha de mandioca faz parte do alimento diário. Apesar dessa relevância na alimentação dos nativos, o processo da farinha é bem completo, envolvendo homens e mulheres. Por isso, é bem comum a divisão de tarefas entre os povos indígenas. Nesse sentido, vale ressaltar que, existem as tarefas dos homens como também somente das mulheres. O mais importante nessa divisão das atividades, ninguém leva vantagem na questão de produzir alimentos e outros afazeres, pois, na perspectiva indígena, as funções que cada exerce são fundamentais para o desenvolvimento dos povos indígenas. Além disso, os homens e mulheres são responsáveis uns pelos outros, cuidando e valorizando a necessidade de cada um.

Sendo assim, a divisão das tarefas na produção de farinha da mandioca fica dessa forma:

Primeiro, para se produzir uma farinha de mandioca, precisa-se de uma derrubada de mato no local exato, o tamanho estabelecido para certa quantidade de produção que atenderá toda família durante um ano. Esse papel é dos homens, de iniciar o projeto antes de preparar a roça. Tomando as medidas certas, o responsável pelo trabalho dos homens, chamado capataz, reúne todos os homens, com exceção das crianças. Marca o local, o dia e o horário para iniciar o trabalho em grupo. Em uma comunidade, possuem várias famílias, e, cada família é beneficiada com o trabalho em grupo, espécie de puxirum; até realizar trabalho de todas as famílias.

As derrubadas e as queimadas são de responsabilidade dos homens. Enquanto às mulheres, somente a esposa do responsável pela roça participa no preparo de alimentos, sapo (guaraná ralado), somente isso.

Após concluir a derrubada, espera-se secar completamente para realizar a queimada. Eles realizam a derruba no início de verão, no final já está tudo pronto para o cultivo de mandioca. Nessa etapa, a distribuição das tarefas fica mais equilibrada, pois começa a participação não só das mulheres, como também das crianças. Para isso, todas as famílias são convocadas nas reuniões realizadas, geralmente, nos dias de domingo. Porém, os idosos e enfermos são a exceção desse trabalho em família. Quanto aos outros, todos participam no dia do cultivo de mandioca.

A função dos homens é cavar um buraco enquanto as mulheres ficam atrás para enterrar os galhos cortados de maniva e, as crianças ficam cuidando uma das outras com a presença de algumas mulheres adultas. Geralmente, o trabalho inicia desde cedo, com a convocação do capataz aos gritos. O almoço é preparado no local de trabalho com as algumas mulheres, também uma ou duas ralam o guaraná para servir aos homens. Esse feito é repetido em todas roçadas, derrubadas e queimadas, para cada família.

A partir daí, os homens já não são mais responsáveis, quem assume o papel principal são as mulheres. É bom destacar que, as mulheres de até 10 anos, no mínimo, participam desse trabalho. A função da mãe nessa etapa é, ensinar as filhas desde criança para que quando se tornarem adultas, saberão produzir farinha de mandioca sozinhas. Elas arrancam tubérculos em certa quantidade e, levam para o local onde serão depositados. Enquanto outras mulheres, já descascam os tubérculos, e em seguida, colocados na água rasa, devido a temperatura, para amolecer rapidamente. No dia seguinte, elas buscam mais tubérculos frescos e, deles é tirada a crueira.

Ao logo da semana, os tubérculos frescos e amolecidos são misturados para dar sequência ao processo da produção da farinha dos nativos. Entre os povos indígenas, para terminar a feitura da farinha no forno leva, em média, uma semana inteira. Pois é um processo bastante trabalho, exige tempo e paciência para sair o resultado bom, uma farinha boa, bem amarelinha. E os materiais utilizados são paneiro, peneira, tipiti, forno e entre outros.

Dessa forma, mesmo com a participação dos homens no início, o papel principal fica por conta das mulheres, por realizarem a produção de farinha bem sucedida. A relevância dessa farinha da mandioca está no consumo principal nas refeições, bem como o tempero da comida, pois sem ela, os nativos passam fome. E quando não há alimento como, a caça e a pesca, a farinha é uma alternativa para saciar a fome em forma de mingau ou chibé.

Para Pinto (ano não revelado), “... a ralagem transforma as raízes em massa, a prensagem elimina o suco tóxico e a torração seca a farinha, conferindo-lhe sabor e aroma característicos.”. Ele acrescenta, “Embora as mulheres tenham grande participação no trabalho de produção da farinha, as atividades mais pesadas são realizadas pelos homens.”.

METODOLOGIA E RESULTADO DE DADOS

Nesta etapa da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico, acerca dos elaborado um questionário, a fim de obter os resultados para a análise de dados. “Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas.” (Lakatos & Marconi, 2003).

Para Fonseca (2002), ao iniciar o trabalho científico o contato do pesquisador com as pesquisas bibliográficas possibilita conhecer o que já foi estudado sobre determinado assunto. Pois, as pesquisas bibliográficas fornecem o conhecimento mais amplo, ampliando a visão do pesquisador.

A metodologia utilizada é abordagem qualitativa etnográfica participante, uma vez que o pesquisador é indígena e pertence à comunidade. Procedimento da pesquisa história oral. Técnica da pesquisa questionário e entrevista com as mulheres da referida comunidade.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. (LAKATOS & MARCONI, 2003, p.195)

O método etnográfico tem a finalidade de desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural. A coleta de dados foi através de entrevista, tendo como participantes duas mulheres moradoras da Comunidade São Bonifácio, do rio Marau-AM, com a aplicação de um questionário com perguntas abertas, que possibilitaram a expressão de cada uma. Foi importante conhecer sobre o perfil de cada mulher, nome, faixa etária de idade, a importância de cada uma no processo da produção da farinha.

Foi possível constatar que tais mulheres dividem seus tempos entre as produções de farinha e as exigências dos cuidados da casa. Elas foram escolhidas pela facilidade de acesso, devido ao contato frequente com o pesquisador. Possuem na faixa etária de 37 a 59 anos, têm filhos, estavam ativas nos trabalhos domésticos, produziam a farinha para os nativos.

Para preservar a identidade das entrevistadas, elas serão identificadas na análise dos dados pelas letras iniciais dos nomes. O Quadro 1, contém os dados de caracterização dos sujeitos.

QUADRO 1 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Nome	Idade	Profissão
M	59 anos	Agricultora
S	37 anos	Agricultora

Inicialmente, foi apresentado o objetivo do trabalho sobre a temática em estudo. Em seguida, a entrevistada foi orientada a se apresentar antes de responder às perguntas direcionadas a ela. Logo, as mesmas foram estimuladas no decorrer da entrevista para responder às questões. Segundo Meihy (1996), esse tipo de entrevista é o método indutivo quando o indivíduo é introduzido aos poucos, ou seja, contextualizam-se as perguntas sem fugir da temática.

A primeira entrevistada é uma das primeiras moradoras da referida comunidade. Segundo ela, todos eles moravam numa vila próxima. E por diversos motivos, houve a mudança, foi quando a família toda se mudara para então, conhecida hoje, comunidade São Bonifácio. Por esse motivo, ela foi uma das escolhidas para a entrevista pelo conhecimento que possui a respeito da organização social adotada desde o início e principalmente, pela história e experiências adquiridas ao longo de sua caminhada como membro. Enquanto a segunda entrevista, atualmente, reside na mesma comunidade. Foi escolhida porque ela vinha de outra comunidade, outro contexto familiar e, também por apresentar hábitos diferentes em relação aos costumes da comunidade. Mas, ao longo dessa análise, o estudo em questão é a temática da produção de farinha, como ela é realizada para que seja consumida pelas famílias, entre outras questões.

Entrevista 1

M: *Meu nome é M. S.B e tenho 59 anos.*

Entrevistador: *Por que somente mulher pode fazer a farinha?*

M: *“Nós, mulheres, aprendemos de nossas mães desde crianças, aprendemos com os afazeres domésticos até crescer e souber fazer as coisas sozinhas. Quando casa, ela começa a fazer sozinha, os homens existem pra fazer a limpeza do local para sua mulher, quando fica pronto fica pra mulher. Os homens não fazem farinha, somente mulheres. No tempo certo, a*

mulher vai num certo local para arrancar tubérculo para produzir certa quantidade de farinha dependendo da necessidade da família. Se seis, sete ou oito paneiros. Após descascar, põe dentro d'água por 24 horas, enquanto isso busca mais tubérculos para tirar crueira na vasilha. No dia seguinte retiramos o que estava na água e misturamos com o tubérculo fresco, formando uma única massa, em seguida colocamos no Tipiti, passa por peneira para padronizar a farinha. Fazemos o fogo, quando aquecido suficientemente colocamos uma cuia para iniciar a feitura. Por isso, a nossa farinha é bem amarela sem ter usado qualquer tinta, também escolhemos tubérculos com essa cor. Assim é nosso trabalho, é a nossa cultura.”.

Constatamos na primeira pergunta que a entrevistada descreve o processo básico e corriqueiro da produção da farinha, desde a colheita até a fase de “feitura” (como mencionado no modo de preparo). A atividade fica a cargo das mulheres, pelo fato dos homens se ocuparem em “fazer a limpeza do local para sua mulher” e, são ensinadas pelos seus pais a cuidarem e zelarem pelos cuidados da casa. A entrevistada ainda enfatiza no fato de que “Os homens não fazem farinha, somente mulheres” isso demonstra que, é de costume na tradição dos moradores da Comunidade São Bonifácio, Rio Marau, a tarefa da produção da farinha fica a cargo das mulheres. Sendo assim, as tarefas que cada membro da referida comunidade exerce são valorizadas.

Ao afirmar “Assim é o nosso trabalho, é a nossa cultura”, a entrevistada demonstra outro aspecto relevante, de que as mulheres se adaptarem ao costume do grupo indígena a qual pertence, sem demonstrar o espírito de revolta, de querer o poder de assumir o papel de liderança, desprezando ou minimizando a organização social da comunidade.

Entrevistador: Então a mulher só pode fazer farinha ou também pode fazer outras coisas?

M: *“Somente farinha. Porém, existem mulheres que sabem fazer tecidos, como por exemplo: paneiros, peneiras, etc... Quem sabe fazer tecidos, faz e não tem proibição, eu sei fazer uma cajola, paneiro e muita coisa que sei.”.*

Os costumes são adquiridos através de uma determinada cultura, repassados por seus ancestrais até a geração mais nova, para que sejam preservados. Assim, a segunda pergunta nos mostra que as atividades são divididas de acordo com as habilidades obtidas dentro de uma etnia. As mulheres possuem outras atividades, porém tem aquelas que somente fazem a farinha, são as responsáveis pela produção, e não são proibidas de produzirem outros objetos.

Entrevistador: Com quem você aprendeu?

M: *“Aprendi com meu marido e minha mãe. Mas existem outros afazeres da mulher dentro da casa como a costura. Porém nem todas as mulheres sabem fazer costura e tecidos. A produção de farinha todas as mulheres sabem fazer porque aprendem com as mães desde crianças. Quanto aos homens, nenhum faz farinha, apenas podem ajudar a buscar lenha.”*

A aprendizagem é um critério importante para esse processo, o fato de ser uma tarefa comum, não quer dizer que toda pessoa tem a habilidade para fazer a farinha. E isso, é ensinado, geralmente pelos pais, familiares, e até mesmo pelos maridos. O fato de os homens não trabalharem na produção da farinha, não significa que eles não sabem fazer, mas que essa atividade é exclusivamente, das mulheres, cuidado apenas dos afazeres e corte e armazenamento da lenha.

Entrevistador: Existe alguma história sobre a origem da farinha? E, existe alguma relação com o passado para que somente as mulheres possam fazer a farinha?

M: *“Sobre o porquê somente as mulheres podem fazer farinha, eu não sei lhe informar. Mas sobre a origem sim. Era uma vez, os irmãos das mulheres queriam casar com a filha de sua irmã. Mas ela casou com outro homem. A partir daí, planejavam de como atrair ela para chegar ou para ficar mais perto de suas casas. Nesse tempo, era na época de festas, dançavam tucandeira dias e noites. Certa noite, a mulher disse ao marido que iria dançar com os tios, mas seu marido aconselhou para não ir, dizendo: ‘Eles estão fazendo isso para ti atrair’. Nesse tempo todos eles eram pajés, tinham o poder de transformar tudo o que queriam, antigamente era assim. Mas a mulher não obedeceu ao marido e foi à festa. Chegando lá, estavam dançando. Quando os tios a viram, saudaram-na, e ela disse: ‘Eu vim participar da dança de vocês’. Eles responderam: ‘Pode dançar, vamos?’. Quando iniciou a dança, na terceira volta ela caiu e disse: ‘Eu não sei a dança de vocês tios’ - , e ela tentou mas caiu mais três vezes. Depois ela desistiu e disse: “Para mim já acabou”, e foi embora para casa. Quando volta para casa, adoeceu muito, ficou com muita febre e o marido disse: - Eu disse para você não ir, avisei que eles faziam isso para ti matar. Então volte para lá eu não posso fazer mais nada por você. Vai embora! Então ela foi embora novamente com seus tios. Toda vez que ela caía no mundo espiritual foi porque eles lançavam feitiços nela. Ela começou a dançar novamente, porém, não sabia fazer, caiu mais três vezes e não conseguia mais levantar. Mataram-na. Ela tinha filhos, todas morreram. Depois eles enterraram e brotou uma planta bonita cheia de galhos, a primeira mandioca. A filha dela é o que chamamos de crueira e mãe é a farinha. – Me ensinaram. Quando cresceu, eles chamavam*

todas as pessoas para procurar o nome que dariam à planta. Mas teve um que estava presente e disse: “para mim devemos chamar de ‘Mani’, porque vem da mulher, então melhor chamarmos de ‘Mani’.” – Assim surgiu o nome Mani (mandioca). Depois, procuram a forma de como comer, chamavam Veado, pediram para morder a folha... – Antigamente, era muito forte, qualquer que comia, morria, por que era veneno puro. Após morder, o veado correu e eles lançavam feitiço, dizendo: ‘Tu serás a comida da nova geração, com farinha’. Hoje em dia, comemos a carne de veado com a farinha. Depois chamaram a paca, tinha muito tubérculo. Mordeu o correu e disseram a mesma coisa: ‘Tu serás a comida da nova geração, com farinha. Vai morar dentro do buraco’. Assim, eles procuravam a forma de como purificar a farinha, antes era muito forte. Ate conseguiram achar. Até hoje, as pessoas morrem envenenadas se não for feito de forma certa. A história é muito longa, sobre tucupi, mandioca e sobre como eles descobriram eu não sei dizer, pois é muito grande. Isso é resumo do que sei.

Nessa pergunta, ela fez um resumo sobre a origem da mandioca, no qual não soube informar se há relação com o passado para que somente mulheres pudessem fazer a farinha para os nativos. Mas soube contar o que os seus pais ensinavam a ela desde a sua infância. Embora, maior parte tenha esquecido ou não recordara, percebe-se que as histórias são passadas de geração em geração de forma oral para lembrar que, todas as coisas nessa vida têm suas origens.

Seguindo para a segunda entrevista, a participante é moradora da comunidade, e relatou como é a sua vivência com a produção da farinha.

Entrevista 2

Entrevistador: Por que somente as mulheres podem fazer a farinha?

S: *“Vou falar um pouco, meu nome é S, tenho 33 anos. Bom, a minha mãe me ensinou assim: “somente a mulher é que faz a farinha, minha filha.” – dizia ela. Mas os homens ficam responsável por preparar o local, como derrubada de mato, queimada, porém, a de fazer farinha é papel de mulher. As mulheres aprendem com suas mães desde criança.”.*

A entrevistada corrobora a resposta da primeira participante, que demonstra o papel da mulher na produção da farinha, como sendo a principal responsável. Dessa forma, percebemos que a mulher é figura central dentro da comunidade a respeito da produção de alimentos.

Entrevistador: Qual sua função na produção de farinha?

S: *“Nós mulheres, temos um dever de ensinar da mesma forma que aprendemos na infância, ensinamos as nossas filhas desde crianças para que quando crescerem vão casar e terão como fazer a farinha sozinha. Do nosso povo, quem faz farinha é a mulher... Então, a nossa função é desde o processo de arrancar tubérculo até a feitura no forno. E quando fica pronta, a farinha é para o consumo de todos.”*

O aprendizado é desde muito cedo, passado de mãe para filha. O conhecimento é único, por serem pessoas que nasceram e foram criadas em uma mesma localidade, é comum os costumes serem os mesmos ensinados por outras famílias. A prática é a fonte do conhecimento, vimos que as entrevistadas mencionam a convivência de seu povo, norteiam sempre a um ensinamento que podemos chamar de conhecimento de mundo. Confirmando que, a cultura de um povo está presente por várias gerações.

Entrevistador: Existe uma história sobre a história da origem da mandioca?

S: *Hum... Lamento, mas eu não sei lhe contar, meus pais me contavam e não dava tão importância e acabei não guardando toda história que me contaram... Tem sim, mas não lembro mesmo, sou cabeça dura pra lembrar... É não lembro a história.*

Perguntamos a participante sobre o seu conhecimento quanto à origem da farinha, a mesma não soube afirmar, porém seus pais lhe contavam, mas não recordava. Esse evento demonstra que ao longo dos tempos as curiosidades podem se perder. Pelo fato do ato de “fazer” farinha ser tão comum, acaba-se por não criando uma busca pela descoberta de onde surgiu algo que se tornou elemento essencial às famílias, seja como fonte de alimento ou de economia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos indígenas possuem uma identidade própria, passada de geração em geração. Embora, ao longo de várias décadas, séculos de contato com os portugueses se perderam a identidade pura dos nativos, muitos legados deixados por ancestrais ainda são lembrados na atualidade. Cada povo, cultura possuía suas diferenças, porém, a organização social eles têm em comum.

Neste trabalho científico, foi abordada sobre a temática da produção de farinha da mandioca numa determinada comunidade que fica localizada na Amazônia. Envolve tanto o

contexto social quanto à organização social. O local de estudo, foi a comunidade São Bonifácio, do rio Marau-AM, de onde foram analisados os dados obtidos através de entrevista com as moradoras.

A organização social do povo Sateré-Mawé é dividida em tarefas para cada membro da comunidade, no caso, por gênero, os homens ficam responsáveis por cargos mais pesados e as mulheres ficam com cargos considerados leves. Porém, para eles nenhum dos ambos leva vantagem, pois, cada um faz as suas tarefas como intuito de contribuir para o bem de todos. E não há diferença na produção de farinha da mandioca, todos eles participam, porém, possuem as funções próprias. Juntos, eles completam e garantem a qualidade de vida de toda a comunidade.

Conclui-se que, nesta comunidade as mulheres possuem as determinadas tarefas para desenvolver a comunidade, como forma de contribuição. Porém, em outros locais do rio Marau-AM apresentam mudanças nos hábitos de viver, tanto em família quanto coletivo, adquirem tais costumes dos brancos, a língua, o alimento, vestimenta. Mas nessa comunidade, o processo da produção de farinha ainda funciona como nos tempos de ancestrais, guardando os legados deixados pelos ancestrais. O homem não faz a farinha, é de papel exclusivamente de mulheres. A necessidade das mulheres aprenderem desde crianças é fundamental para que as próximas gerações não percam a identidade do povo Sateré-Mawé. Sendo a farinha da mandioca é um culinário principal dos nativos, sem ela os moradores veem como a fome declarada. Por esse motivo que, todas as famílias recebem ajuda no cultivo de mandioca para que não passe por necessidade durante um ano.

Esse trabalho é muito importante para a comunidade acadêmica e em geral e, por ser realizado pelo próprio morador da comunidade sob olhar acadêmico, com a visão mais ampla sobre a cultura, a organização social, do trabalho e, principalmente, do cuidado culinário mais importante dos povos indígenas Sateré-Mawé.

Preservar os documentos, artigos, registros sobre a produção de farinha da mandioca dos Sateré-Mawé é muito relevante, pois fazemos parte da mesma cultura. A cultura indígena é a nossa identidade, está no nosso sangue. E devemos valorizar nossas culturas, passar a história de geração em geração, para que os nossos filhos, netos possam saber da nossa história, que possam lembrar-se das narrativas que estão sendo esquecidas por falta de interesse e valorização a nós mesmo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Grazielle Alves; VIEIRA, Adriane. **A mulher e a Tripla Jornada de Trabalho: a Arte de ser Beija-Flor**. São Paulo, 2009.

IBGE. **Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil. Estudos e Pesquisas: informações demográficas e socioeconômicas**, 2000.

FONSE, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Edições Loyola, 2000.

KAUSS, Vera Lucia T; PERUZZO, Adreana. **A inserção da mulher indígena brasileira na sociedade contemporânea através da literatura**. Grande Rio, 2012.

PINTO, Maria Dina Nogueira. **MANDIOCA E FARINHA: subsistência e tradição cultural**. – disponível na internet (www.mao.org.br)

SILVA, Alessandra Maria Brasileiro. **Cultura indígena: Um resgate a partir do descobrimento do Brasil/Indigenous culture from the Discovery Brasil**. Campina Grande, 2014.

OBRAS CONSULTADAS

TORRES, Iraildes Caldas (Org.). **Mulheres Sateré-Mawé, a epifania de seu povo e suas práticas sociais**. Manaus: Valer, 2014.

MINDLIN, Betty; RAMOS, José Ademir. **Sehay kaat haria, o caçador de histórias narrativas dos Sateré-Mawé do Marau**. 1996.